



La Comédiathèque

*Por Debaixo
da Mesa*

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Por debaixo da mesa

Uma autoestrada para o poder

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Para convencer um ministro a assinar um contrato milionário durante um jantar, o presidente de uma construtora contratou uma acompanhante para o seduzir.

Mas a jovem que aparece vem substituir uma amiga, que apenas lhe falou de um trabalho de hospedeira muito bem pago.

Ela julga que vai servir o jantar, quando afinal faz parte da ementa. E, como seria inevitável, nada vai correr como previsto...

Personagens

O presidente

A hospedeira

O ministro

© La Comédiathèque

Uma sala de estar burguesa. Flores sobre uma mesinha. Um quadro encostado à parede. Uma mesa posta para três pessoas. Toca um telemóvel esquecido algures. Entra um homem de cuecas e camisa, a apertar a gravata. Pega no telemóvel e atende.

Presidente – Sim, Jerónimo... Não, a chefe de gabinete dele acabou de me telefonar. Ainda está em São Bento. Não chegará antes de meia hora. Felizmente, porque eu ainda estou de cuecas. Espero que não seja um mau presságio, porque, se não conseguirmos que ele assine esta porcaria de contrato, é assim que vou acabar: de cuecas! E o senhor também, aviso-o já. Estamos em crise, homem! À beira da falência! Tratou da rapariga, ao menos? Já devia ter chegado. Não sei onde se meteu. Preciso de lhe dar umas instruções antes de chegar o ministro... Aliás, felicito-o pela ideia da acompanhante. Vai pô-lo bem-disposto antes de assinar! Confesso que, ao princípio, não estava muito convencido. Mas quando me apresentou aquela... Anabela. Sim, uma mulher com imensa classe! Nada a ver com uma stripper barata de despedida de solteiro. É fundamental que o ministro não desconfie de que se trata de uma profissional. É que, para cúmulo, aquele velho tarado julga-se um grande sedutor! (*Ouve-se a campainha.*) Desculpe-me um instante, tenho de ir abrir. Deve ser ela...

O presidente, ainda de cuecas, vai abrir a porta.

Hospedeira – Senhor Martim Puig?

Presidente – Sim...

Hospedeira – Emmanuelle... Venho da agência.

Presidente – Emmanuelle? Mas... eu estava à espera da Anabela. E a senhora não se parece nada com ela... A Anabela era muito mais... Enfim, muito menos...

Hospedeira – A Anabela pediu-me que lhe apresentasse as desculpas dela. Teve... um pequeno imprevisto. Venho substituí-la...

Presidente – Substituí-la?

Hospedeira – Também tenho muita experiência, garanto-lhe...

Presidente – Pois, mas... Não era nada disto que estava combinado... E eu pedi uma mulher com classe, não uma saída da sala de aula...

Hospedeira – É que...

Presidente – Bem, entre, não fique aí à porta. Logo se vê...

A rapariga entra. É jovem e bonita, mas está vestida como uma aluna de um colégio de freiras: casaco de lã, blusa branca, saia de xadrez, meias até aos joelhos e sapatos de verniz.

Hospedeira – Obrigada...

Presidente (*retomando a chamada*) – Jerónimo? Bolas, começamos bem! A agência não mandou a rapariga que tínhamos pedido... Mas que diabo fez o senhor? Como é esta? (*Martim observa-a da cabeça aos pés, desolado.*) Como hei de explicar? (*À rapariga.*) Dá-me licença um instante? (*Afasta-se em direção à divisão de onde veio.*) Ouça, é um desastre... (*Mais baixo.*) Mesmo com muita imaginação e uma mente muito perversa, custa-me a acreditar que alguém assine um contrato de três mil milhões de euros na esperança de passar uma noite com uma pateta destas... Parece que saiu de um internato de freiras...

Sai. A rapariga fica sozinha, um pouco desconcertada, e olha em redor da sala. O telemóvel toca e ela atende.

Hospedeira – Isabel? Sim, sim, acabei de chegar, mas mal tive tempo de falar com ele... Juro-te, foi muito estranho... Quando me viu, ficou superdesiludido. Parecia um tipo que encomenda uma pizza margarita com picante extra e recebe uma vegetariana sem sal... Só que eu tinha a sensação de ser a pizza, percebes? Tens mesmo a certeza de que não podes vir? Está bem... Aceitaste dois trabalhos para a mesma noite... Não, claro que não te podes dividir em duas... Olha, isto parece bastante chique. Quem é este homem, afinal? Puig? Do grupo de obras públicas? Ah, sim, realmente... E achas que... Não te preocupes, já cá estou e vou ficar. Mas é só para te fazer um favor, ouviste? Sim, eu sei, e também para começar a pagar os três meses de renda que te devo... A propósito, não sei porquê, mas ele insiste em chamar-te Anabela. Ah, sim? Não sabia que era preciso um nome artístico para servir canapés... Eu bem sei que não tenho experiência a fazer de criada, mas pronto... De hospedeira, se preferes... Quando lhe disse que tinha muita experiência, não me pareceu acreditar. Deve ter percebido logo que nunca fiz isto na vida... Também implicou com a minha roupa. Não percebo. Disseste-me para vir vestida normalmente, de maneira clássica mas cuidada. Foi o que fiz. Pensei que aqui me dessem um uniforme de hospedeira, como na Feira Nacional de Agricultura... Desculpa, ele voltou...

O presidente regressa, já vestido.

Presidente – Bem... Não há nada a fazer. Teremos de nos desenrascar com o que temos, já não há tempo. (*Volta a observá-la.*) Pensando melhor, esse ar de tontinha até pode dar muito jeito. É tão convincente! Parabéns! Ninguém diria que é... Enfim, está a perceber... Vou explicar-lhe rapidamente. Sou Martim Puig, presidente do grupo de construção e obras públicas Cara de Pau.

Hospedeira – Ah, sim! É a maior construtora de Portugal. (*Recitando o slogan da empresa.*) Invista no futuro, invista na Cara de Pau!

Presidente – Muito bem... Vejo que também lhe exigem uma certa cultura geral. Assim poupo explicações. Esta noite recebo ao jantar uma personalidade política com quem temos de assinar um contrato importantíssimo. Aqui está. (*Mostra-lhe o contrato.*) É o ministro das Infraestruturas...

Hospedeira (*surpreendida*) – João Francisco Knock?

Presidente – Mais conhecido por JFK.

Hospedeira – Porque os jornais o apontam como favorito para assumir a liderança do partido e, mais tarde, chegar a primeiro-ministro...

Presidente – Quanto ao resto, não tem propriamente o físico de John Fitzgerald Kennedy. Felizmente para nós, tal como Kennedy, JFK é um mulherengo. Imagine que é Marilyn Monroe... Embora também não seja propriamente a cara chapada de Marilyn, pois não?

Hospedeira – Não...

Presidente – Para ser mais discreto, organizei esta pequena reunião cá em casa. Não pense que me dá muito jeito. Mas sabe como é a discrição nos grandes hotéis...

Hospedeira – Sim... Quer dizer, não...

Presidente – Hoje em dia, se fotografarem um ministro à saída do Ritz ou do Tivoli, é como se o tivessem apanhado à saída de um hotel por horas no Bairro Alto.

Hospedeira – Ah, pois...

Presidente – Aproveitei que a minha mulher foi passar uns dias a Coimbra, a casa da mãe...

Hospedeira – Hum...

Presidente – Prefiro que ela não saiba de nada. É muito ciumenta...

Hospedeira – Claro...

Presidente – Resumindo... A senhora está aqui para... deixar o ministro nas melhores condições possíveis, de maneira a assinar connosco e não com o nosso principal concorrente. Está claro?

Hospedeira – Ah... Sim...

O presidente, um pouco embaraçado, tira um maço de notas do bolso e entrega-lho.

Presidente – Aqui tem... Metade do que combinámos com a Anabela... O resto, na entrega.

Hospedeira (*recebendo o dinheiro*) – Na entrega?

O telemóvel do presidente volta a tocar.

Presidente – Estou? Sim, senhor ministro... (*Faz sinal à rapariga para o desculpar e volta a afastar-se.*) Sim, sim, evidentemente... Não há problema... Com certeza, senhor ministro... Claro que sim, senhor ministro!

De novo sozinha, a rapariga apressa-se a pegar no telemóvel e marca um número.

Hospedeira (*entusiasmada*) – Isabel? Mas que belo emprego me arranjaste! Acabou de me enfiar nas mãos um maço de notas que nem tive tempo de contar. E disse que me dá outro igual mais logo! Depois de a empresa de catering trazer os canapés... Olha, isto de ser hospedeira é mesmo bem pago! Vou poder devolver-te os três meses de renda e até pagar as propinas! Com tanto dinheiro, uma pessoa fica a pensar, sabes? Para que é que me mato a estudar Ciência Política? Mais valia ter ido para Hotelaria! (*Olha à sua volta e repara na mesa posta para três.*) Mas agora já não sei bem o que quer que eu faça. Pensava que vinha servir champanhe numa receção e isto parece um jantar a três... Quem será o terceiro? Não é só para servir? Então que mais é?

A conversa é interrompida pelo regresso do presidente. A rapariga guarda o telemóvel.

Presidente – O ministro chega já a seguir, com o motorista e os seguranças. Vou recebê-lo à porta. Desculpe, não tenho tempo para mais explicações. Mas a senhora conhece o seu ofício e há de saber improvisar. A sua colega disse-me que até tinham aulas de improvisação... (*Prepara-se para sair.*) Escusado será dizer que tudo deve ser muito elegante. Charme, sim; vulgaridade, nenhuma. Ah, mais uma coisa... Vai chamar-se... Mirabela. Desculpe, mas não tem mesmo cara de Emmanuelle...

Hospedeira – E acha que tenho cara de Mirabela...?

Presidente – Emmanuelle é um bocado... Enfim, percebe-se logo que é um pseudónimo.

Desconcertada, a rapariga olha para a mesa.

Hospedeira – E o terceiro lugar à mesa é para quem?

Presidente – Para quem havia de ser? Para si! Não a vamos pôr a comer de uma tigela no chão. Já lhe disse: isto tem de ser muito elegante...

Hospedeira – Mas então... o que é que tenho de fazer exatamente?

Presidente – Durante o jantar, fale de banalidades. Faça de jovem de boas famílias, um bocadinho tonta e, sobretudo, muito bem-educada. Depois... Finja que sucumbe aos encantos do velhote!

Hospedeira – Do velhote?

Presidente – Olhe, quanto menos souber, mais natural será... E eu vou-lhe dizendo o que fazer, consoante o porco morda ou não o isco... Agora tenho mesmo de ir. Não podemos deixar o ministro à espera... Estamos aqui para satisfazer todos os seus desejos, Mirabela...

O presidente sai. A rapariga precipita-se para o telemóvel.

Hospedeira – Isabel? Mas que trapalhada é esta? Não foi nada disto que combinámos! Agora tenho de jantar com eles e fazer de Mata Hari! Isto é o quê? Um jogo de papéis? Uma orgia? Dizes que siga o meu instinto e tudo correrá bem? Pois o meu instinto está a gritar-me para fugir daqui a sete pés! E que tu percas um bom cliente não é problema meu! Eu nem sabia a que é que te dedicavas! Pensava que era para servir canapés, não para ser eu própria o canapé. E ainda querem que me comam!

O presidente regressa acompanhado do ministro, que ostenta na lapela uma condecoração da Ordem do Mérito. A rapariga não tem alternativa senão guardar o telemóvel.

Presidente – Entre, entre, faça favor, senhor ministro... Esteja à vontade...

Ministro – Obrigado... Desculpe o atraso, mas estive a falar com o primeiro-ministro... Precisamente sobre o projeto de que vamos tratar...

O presidente entra com o ministro, que repara na rapariga.

Hospedeira (*perturbada*) – Senhor Noca...

Ministro – Knock... Mas pode chamar-me João Francisco...

Presidente – Ah, devo pedir-lhe desculpa, senhor ministro. A minha... sobrinha veio passar uns dias a Lisboa... Se não se importar, janta connosco. Não podia deixá-la na rua... Quero dizer, sem sítio onde passar a noite... Espero que não o incomode...

Ministro (*animado*) – Mas claro que não, ora essa...

Presidente – Além disso, estava entusiasmadíssima com a ideia de o conhecer... Não é verdade, Mirabela?

Hospedeira – Ah... Sim, tio...

Ministro – Encantadora... E o que faz na vida esta menina?

O presidente faz sinal à rapariga para responder.

Hospedeira – Sou... estudante. De Ciência Política.

O presidente faz-lhe discretamente sinal de aprovação.

Ministro – Muito bem, muito bem... Talvez uma futura ministra... Mas não dizia que ela estava apenas de passagem por Lisboa?

Presidente – Sim...

Ministro – Se está a estudar Ciência Política...

Presidente (*improvisando*) – Ciência Política... em Évora.

Ministro – Ora essa...

Hospedeira – A minha mãe é alentejana.

Presidente – Minha irmã, portanto.

Hospedeira – Eu queria estudar em Lisboa, mas...

Presidente – Não teve média suficiente.

Mirabela faz uma careta, ofendida.

Ministro – Que pena... Eu, por acaso, estudei Direito, e veja onde cheguei, Mirabela...

Hospedeira – Até dizem que pode ser o próximo primeiro-ministro...

Ministro – Dizem-se tantas coisas, minha menina... Por agora, tenho de passar a noite a regatear com este velho forreta que é o seu tio, para ver quanto me cobra por cada quilómetro de autoestrada.

Presidente – Ora, ora... Estamos dispostos a fazer um gesto comercial, como sabe... E somos quase da mesma família...

Ministro – Está a ver? Aposto que quer embebedar-me para me obrigar a assinar qualquer coisa... Mas não me deixarei corromper...

Presidente – A sua reputação precede-o, senhor ministro... Toda a gente conhece a sua integridade e o cuidado com os dinheiros públicos... Até me disseram que, nos corredores da Assembleia, lhe chamam «o castor»...

Ministro – Ora essa... Não sabia. Nem sabia que o castor simbolizava a poupança...

Hospedeira – Normalmente, é mais o esquilo...

Presidente – O castor é um grande construtor! Derruba árvores com os dentes e constrói barragens...

Hospedeira – Com o rabo.

Ministro – Enfim, como sabe, o nosso país atravessa um momento muito difícil. Se Portugal precisar de mim, não ficarei indiferente ao apelo...

Hospedeira – Isso muito o honra, senhor ministro.

Ministro – Tenho a certeza de que, se estivesse no meu lugar, também estaria disposta a oferecer-se a Portugal, não estaria, menina?

Presidente – Mas sentem-se, por favor. A Mirabela vai servir-nos qualquer coisa. Não é, querida?

Hospedeira – Champanhe?

Ministro – Se é para celebrar a assinatura do contrato, aviso já que ainda não está assinado. Sabe em que estado estão as contas públicas...

Presidente – Isso não nos impede de beber alguma coisa! *(Faz sinal à rapariga para encher as taças.)* E recordo-lhe que a nossa empresa já fez um esforço enorme para reduzir o orçamento destas obras e não agravar ainda mais o défice público.

Ministro – Mesmo assim, meu caro, três mil milhões de euros é muito dinheiro...

Presidente – Por cem quilómetros de autoestrada! É praticamente oferecido, senhor ministro, acredite! Se encontrar mais barato noutra empresa, devolvo-lhe a diferença.

Hospedeira – Preço mínimo garantido...

Ministro – Como sabe, menina, as grandes agências de notação financeira acabam de retirar a Portugal a classificação triplo A. Hoje, os nossos títulos do Tesouro valem menos no mercado do que umas alheiras no talho da esquina. E o primeiro-ministro português passa por um grande chouriço junto dos credores internacionais.

Presidente – Meu caro ministro, contamos consigo para que, depois das próximas eleições, seja o senhor a ocupar o lugar desse chouriço.

Ministro – Não tente lisonjear a minha ambição para me amolecer, meu caro... Ou melhor, meu caríssimo... Caríssimo demais!

Presidente – Senhor ministro, estamos a falar de um investimento no futuro!

Hospedeira – Invista no futuro, invista na Cara de Pau!

Presidente – A rede de autoestradas portuguesas é o sistema nervoso do país. A sua circulação sanguínea! São as autoestradas que levam a cada músculo, isto é, às empresas portuguesas, o oxigénio de que precisam diariamente. Não vou ensinar isso ao ministro das Infraestruturas!

Ministro – Falta convencer a opinião pública de que uma ligação direta por autoestrada entre Santarém e Cascais é uma prioridade estratégica para recuperar Portugal...

Presidente – Para que servem os consultores de comunicação?

Ministro – E talvez ainda não tenhamos batido no fundo... Desculpe a expressão, menina, mas as agências de notação têm-nos pelos tomates.

Presidente – Ora, ora... O Estado ainda não declarou falência. É um excelente contrato, garanto-lhe. Mais uma taça de champanhe, senhor ministro?

Faz sinal à rapariga para voltar a servir o ministro.

Ministro – Faz ideia de quanto pagaríamos por ano em juros se pedíssemos mais três mil milhões de euros emprestados? Se os chineses aceitarem emprestar-nos o dinheiro...

Presidente – Recupera tudo nas portagens! Vai encher os bolsos! Será uma renda vitalícia para si! Quero dizer, para Portugal...

Ministro – Hum... E o que acha disto, minha querida? *(Divertido.)* Vejamos... Se fosse ministra das Infraestruturas, o que faria no meu lugar?

Hospedeira – Sempre achei que o Estado teve pouca visão ao entregar as autoestradas a concessionárias privadas... Para quê vender a galinha dos ovos de ouro pelo preço de uns lingotes?

Ministro – Não deixa de ter razão...

Presidente – Escute a voz da juventude!

Ministro – A galinha dos ovos de ouro... *(Observando a rapariga.)* É o tipo de galinha que qualquer homem gostaria de ter no seu galinheiro...

Presidente – Pois esta noite, senhor ministro, ofereço-lhe uma galinha de bandeja...

Ministro – A sério...?

Presidente – Hoje em dia, as portagens entre Lisboa e Porto quase custam tanto como um bilhete de Alfa Pendular!

Ministro – Acha...?

Presidente – E ainda é preciso pagar a gasolina e o motorista...

Hospedeira – Hum... Talvez seja precisamente esse o problema...

Presidente – Como assim?

Hospedeira – A esses preços, quem é que ainda vai querer andar na autoestrada?

Ministro – Sobretudo entre Santarém e Cascais...

Hospedeira – Santarém e Cascais...?

Presidente – E, no entanto, sabemos bem quanto este projeto lhe é caro, senhor ministro, não sabemos?

Ministro – Não o nego...

Presidente – Aliás, foi o senhor que o defendeu desde o início da legislatura... E todos sabemos muito bem porquê...

Hospedeira – Ah, sim? E porquê?

Presidente – Ora... Para desenvolver a região de Santarém, antes de mais. Que, como toda a gente sabe, é um dos pulmões económicos de Portugal.

Hospedeira – E depois...?

Ministro – Depois, porque fui eleito deputado pelo círculo de Santarém... mas moro numa vivenda em Cascais.

Presidente – Assim, as viagens entre a Assembleia da República e o seu círculo eleitoral tornam-se muito mais cómodas.

Hospedeira (*irónica*) – Ou, no futuro, entre a residência oficial do primeiro-ministro e a sua casa de campo.

O presidente lança-lhe um olhar fulminante. Felizmente, a campainha interrompe-os.

Presidente – Deve ser o estafeta do catering... (*À rapariga.*) Vá abrir, se faz favor, Mirabela...

Hospedeira – Claro, tio.

Ministro – É encantadora... Mas também tem uma língua bem afiada... Não acha?

Presidente – É o retrato da mãe... Só que mais nova.

Ministro – Pois é...

Presidente – As vantagens da juventude...

Ministro – Mas muito bem-educada.

Presidente – E muito asseada...

A rapariga regressa com um grande tabuleiro cheio de pratos, que coloca na mesa.

Hospedeira – Cá está! Já podemos jantar...

Presidente – São pratos frios. Pareceu-me mais prático. Simplifica o serviço e evita testemunhas incómodas. Quero dizer, ouvidos indiscretos... Por mais confiança que tenhamos nos empregados...

Ministro – Claro, claro... Mas, afinal, este encontro não tem nada de secreto nem de reprovável, pelo menos por enquanto, pois não? A menos que esteja a pensar entregar-me um envelope por baixo da mesa...

O presidente não sabe se se trata de uma piada ou de um convite e hesita antes de responder.

Presidente – Bem...

Ministro – Estou a brincar, evidentemente.

Presidente – Evidentemente.

Ministro – Mas tem tudo ótimo aspeto.

Presidente – Veio do melhor serviço de catering de Lisboa! Escandalosamente caro, mas delicioso...

Ministro – Deixo-me tentar, estou cheio de fome. Embora isto já cheire a corrupção passiva.

Sentam-se os três à mesa.

Hospedeira – Quer um copo de vinho... ou um envelope por baixo da mesa? (*O ministro fica desconcertado e o presidente fulmina-a com o olhar.*) Quero dizer... à mesa, claro.

Ministro – Sendo oferecido com tanta simpatia... (*Ao presidente.*) É encantadora... Então, Mirabela, vive no Alentejo?

Hospedeira – Ah, sim...? Quero dizer, sim, claro!

Presidente – Em Évora...

Ministro – Que curioso. Não tem sotaque nenhum...

Hospedeira – É que... Tive aulas de dicção para perder o sotaque. Sabe como é o sotaque alentejano, quando se quer fazer carreira na política ou nos negócios, embora hoje em dia seja quase a mesma coisa... As pessoas começam logo a achar que somos todos uns...

Ministro – Uns...?

Hospedeira – Uns preguiçosos... Aqueles preconceitos sobre o Alentejo...

O presidente contém a irritação.

Ministro – Há quem não faça nenhum, é verdade, mas não se pode generalizar. Também há políticos que trabalham no Alentejo. Fui presidente de uma câmara alentejana durante dez anos. Conheço muito bem Évora...

Presidente – A sério...?

Ministro – E o que faz a sua irmã em Évora?

Presidente – A minha irmã...?

Ministro – Sabe, conheço toda a gente por aquelas bandas.

Presidente – O que faz...? Pois... (*Virando-se para a rapariga.*) O que faz ela agora?

Hospedeira – Morreu.

Presidente – Pois... Fico tão emocionado quando falo disso... Nem conseguia dizer a palavra.

Ministro – Lamento imenso.

Presidente – Era a minha irmã, afinal... E ainda por cima era a única. Tenho alguns irmãos, mas...

Ministro – Não é a mesma coisa...

Presidente – Não a substituem...

Hospedeira – Eu também só tinha uma mãe...

Ministro – Pois é... É o que acontece normalmente, infelizmente... E morreu...

Presidente – Morreu mesmo, sim... Num... num acidente...

Ministro – Um acidente?

Presidente – Um camião frigorífico... Quando atravessava a rua... para ir ao talho.

Ministro – Meu Deus...

Presidente – Mas também não vamos estragar a noite com isso... A vida continua... E as obras também! Já sabe o que se diz: quando a construção anda, tudo anda! E isso também se aplica às obras públicas...

Ministro – Então esta encantadora menina continua a viver em Évora?

Presidente – Sim, sim... Com a mãe... já falecida.

Ministro – A propósito de enchidos... Há um restaurante excelente em Évora onde se come o melhor paio de toda a região... Como se chama aquilo...?

Felizmente, o telemóvel do ministro toca, poupando a rapariga à resposta. Ele atende.

Ministro – Estou? Sim, sim... Não, de modo nenhum, não incomoda... Espere só um instante... (*Ao presidente.*) Desculpe-me. Há algum sítio onde possa falar em privado?

Presidente – Com certeza. Por aqui, se faz favor...

O presidente indica-lhe o caminho.

Ministro *(ao telefone)* – Sim, sim, estou a ouvi-lo...

O ministro sai.

Presidente – Bem, até agora tudo corre bastante bem... Parece-me que conseguiu despertar a libido daquele velho sátiro com esse ar de menina de colégio de freiras... Mas não exagere no lado rebelde...

Hospedeira – Descanse, não vou fazer nada que ponha esta negociação a perder...

Presidente – Agora temos de carregar no acelerador, está bem? Discrição e elegância, sim. Mas também eficácia e um pouco de atrevimento.

Hospedeira – Atrevimento?

Presidente – Continue a atrair o peixe grande com o isco... e zás! Ferra-o quando ele menos esperar. É preciso surpreendê-lo, percebe? Depois, aquele velho tubarão deixa-se levar... Gosta de carne fresca, acredite. Tenho informações muito seguras sobre isso...

O telemóvel do presidente toca e ele atende.

Presidente – Sim, Jerónimo... Não posso falar muito agora... Sim, sim, parece-me que aquele velho nojento não é indiferente à colegial de saia de xadrez... Olhe, sabia que ele passou dez anos em Évora? Podia ter-me avisado! Assim não fazia figura de parvo... *(O ministro regressa.)* Tenho de desligar...

Ministro – Desculpem-me, mas não me parecia conveniente que ouvissem aquela conversa... Sabem quem me ligou?

Presidente – Não faço ideia...

Ministro – O seu principal concorrente...

Presidente – Ora essa...

Ministro – E confesso que me fez uma proposta... muito tentadora.

Presidente – Quanto?

Ministro – O mesmo preço que o senhor... mas com mais vinte quilómetros de autoestrada.

Hospedeira – Mais vinte por cento de estrada pelo mesmo preço! É uma promoção bastante interessante.

Presidente – Santarém–Cascais? Mas, com as autoestradas que já existem, só precisamos de construir cem quilómetros para a ligação! Os estudos são claríssimos!

Ministro – O seu concorrente propõe um pequeno desvio que passa por Alenquer. É lá que mora a minha mãe... *(À rapariga.)* E sabe como é importante visitar de vez em quando a nossa mãezinha, enquanto ainda está viva... *(O telemóvel volta a tocar.)* Estou? *(Ao presidente.)* Desculpe, mais um minuto... Sim, sim, estou a ouvir...

Sai para a divisão ao lado.

Presidente – Estamos tramados...

Hospedeira – Ofereça-lhe também vinte por cento grátis, como nas caixas de cereais...

Presidente – Impossível! Já esprememos o orçamento até ao limite. Com mais vinte quilómetros pelo mesmo preço, perdemos todo o lucro.

Hospedeira – Mas assim estimula a economia e, portanto, o crescimento!

Presidente – Os nossos acionistas estão-se nas tintas para o crescimento! No fim do ano, só querem ver crescer os dividendos! Mas que raio! Não vou discutir negócios com uma prostituta que está aqui como oferta promocional para facilitar a assinatura de um grande contrato!

Hospedeira – Prostituta?

Presidente – Limite-se a fazer o seu trabalho, porra! Paguei uma acompanhante de luxo, não uma aula de economia!

Hospedeira – Uma acompanhante de luxo?

Presidente – Agora tudo depende de si, ouviu? Tem de o convencer de que as alças do seu soutien são mais interessantes do que o ramal da autoestrada que vai ligar a casa dele ao lar da mãe!

Hospedeira – Ouça, meu caro senhor, há aqui um mal-entendido... Venho substituir uma amiga que, pelos vistos, não me explicou tudo o que se esperava de mim. Não sou prostituta! Sou mesmo estudante de Ciência Política e faço uns biscates para pagar a renda e os estudos. Só isso.

Presidente – Está a brincar comigo...?

Hospedeira – Então devolvo-lhe o dinheiro e vou-me embora. Assim já percebeu?

Presidente – Espere, não nos precipitemos... Peço-lhe desculpa e que me ouça um minuto, pode ser?

Hospedeira – Estou a ouvir... Mas isso não altera o facto de eu não ir para a cama por dinheiro. Aliás, por norma, nem sequer vou muitas vezes... Mesmo de graça...

Presidente – Se não assinarmos este contrato esta noite, os acionistas fecham a divisão de autoestradas da empresa para se concentrarem em atividades mais lucrativas. Centenas de trabalhadores vão perder o emprego. E eu também, já agora...

Hospedeira – E o que quer que eu faça?

Presidente – É a minha última hipótese, Mirabela.

Hospedeira – Emmanuelle.

Presidente – Tudo depende de si! Operários no desemprego! Famílias na rua! Filhos que não poderão estudar como a senhora!

Hospedeira – Pare, ainda me faz chorar... Mas não vou aceitar ir para a cama com alguém só para evitar um despedimento coletivo!

Presidente – Quem é que falou em cama? O combinado é conseguir que aquele idiota assine o contrato. Se conseguir sem se deitar com ele, azar o dele... Quero dizer, tanto melhor para si...

Hospedeira – E como é que faço isso?

Presidente – Oferece-lhe o aperitivo, abre-lhe o apetite com o prato principal e, no último momento, deixa-o sem sobremesa. Desde que o obrigue a pagar a conta antes de se ir embora...

Hospedeira – Nem sei o que lhe diga...

Presidente – Ele também gosta bastante de beber. Com mais uns copos em cima...

Hospedeira (*ofendida*) – Quer dizer que, para alguém querer ir para a cama comigo, tem de estar bêbedo? E isto depois de me chamar prostituta... O senhor sabe mesmo falar com as mulheres...

O telemóvel do presidente toca. Ele atende.

Presidente – Jerónimo, espere até eu o apanhar! A rapariga que me mandou não quer ir para a cama com ninguém! (*Subitamente, a voz torna-se doce.*) Querida? És tu? Não estava à espera que ligasses... Então, como está o tempo em Coimbra? Já é de noite... Sim, aqui também... De que é que eu estava a falar? Uma rapariga? Que rapariga? Mas não, garanto-te... Mas, querida, sabes perfeitamente que eu nunca... Estou? Estou? Desligou... Era só o que me faltava... Que catástrofe! Tenho de lhe ligar já...

O presidente sai para telefonar à mulher. A rapariga marca um número à pressa.

Hospedeira – Mas onde é que me foste meter? Eu não sou prostituta! Uma acompanhante de luxo? Desculpa, mas não vejo bem a diferença. Se soubesse, nunca tinha vindo! Deve ser por isso que não me contaste tudo, calculo... Sim, disseste que a agência se chamava Glamour International... Não, desculpa, não associei as coisas... Os três meses de renda? Então ou me deito com aquele porco gordo ou me pões na rua, é isso?

O regresso do ministro obriga-a a interromper a chamada e a guardar o telemóvel.

Ministro – Está sozinha?

Hospedeira – O meu... tio teve de fazer uma chamada urgente. Um pequeno mal-entendido com a mulher...

Ministro – Assim temos tempo para conversar um pouco. Há de dar-me o seu número de telefone. Talvez me apeteça... recrutá-la...

Hospedeira – Recrutar-me...?

Ministro – Contratá-la, se preferir... Se um dia procurar um estágio ou mesmo um emprego, depois de acabar os estudos, não hesite em contactar-me. Dou-lhe o meu número pessoal. Muito poucas pessoas o têm, sabia?

Hospedeira – Obrigada por me conceder esse privilégio...

Ministro – É preciso dar uma oportunidade aos jovens. Não sei porquê, mas tenho a sensação de que nos entenderíamos bem, os dois. Tem personalidade... Gosto disso... E, se chegar a primeiro-ministro depois das eleições, vou precisar de uma equipa nova. Mais jovem... Mais aberta ao mundo... Mais qualificada...

Hospedeira – E com jeito para línguas...

Ministro – Vai rir-se, mas o nosso ministro das Finanças não fala uma palavra de inglês... E mal consegue fazer uma conta de três Algarismos sem o chefe de gabinete e meia dúzia de contabilistas... *(Põe-lhe um braço à volta da cintura.)* Gostaria de integrar a minha equipa de campanha?

Hospedeira – Apresentam-no como o JFK português, mas vejo que também tem qualquer coisa de Bill Clinton...

O ministro aproxima-se mais da rapariga.

Ministro – Um pouco de insolência não me desagrada...

Ela dá-lhe uma bofetada. O presidente regressa.

Presidente – Está tudo bem...?

O ministro recompõe-se.

Ministro – Para dizer a verdade, estou um pouco embaraçado, meu caro...

Presidente – Tenho a certeza de que chegaremos a um acordo... Infelizmente, não posso oferecer-lhe de borla aquele desvio por Alenquer. *(Olhando para a rapariga.)* Mas deve haver uma pequena compensação que lhe agrade...

A rapariga lança-lhe um olhar furioso pela falta de tato.

Ministro – Acabei de ter notícias da minha mãe. Era ela que estava ao telefone...

Presidente – Ah... Espero que a sua querida mãezinha esteja bem...

Ministro – Infelizmente... Está a começar a perder um pouco a cabeça... Já pensa que sou primeiro-ministro...

Hospedeira – Mas ela é uma visionária, senhor ministro! É precisamente o contrário da doença de Alzheimer... Não se esquece do passado, lembra-se antecipadamente do futuro...

Ministro – Infelizmente, também pensa que estou preso em Caxias por envolvimento com uma menor...

Hospedeira – Ah, isso já não faz sentido nenhum...

Presidente – Se fosse primeiro-ministro, aposto que os seus advogados arranjavam maneira de resolver tudo...

Hospedeira – Espero que não seja por isso que quer o cargo...

Ministro – Em todo o caso, temo que a minha pobre mãe precise cada vez mais de mim. Não podemos abandonar os nossos idosos, pois não?

Presidente – Claro que não...

Ministro – Faço questão de a visitar pelo menos uma vez por semana. Uma autoestrada que passe mesmo à porta de casa seria muito útil...

Hospedeira – E se lhe arranjasse um bom lar com assistência médica em Cascais?

Ministro – Sabe como são as pessoas idosas... Agarram-se aos seus hábitos... Receio que uma mudança brusca de ambiente acelere ainda mais a deterioração do estado dela...

Presidente – Compreendo... O que não compreendo é como o nosso principal concorrente consegue propor um preço daqueles...

Hospedeira – Talvez tenha trabalhadores sem contrato, pagos por fora... Dizem que é muito frequente nas obras públicas...

Ministro – Prefiro nem saber disso...

Hospedeira – No entanto, o Estado emprega tantos inspetores para combater o trabalho ilegal...

Ministro – É encantadora... Mas, que quer que lhe diga, todos fazemos pequenos acordos com a nossa consciência... Não me diga que a sua santa mãe nunca teve uma empregada doméstica sem a declarar...

Hospedeira – A minha pobre mãe morreu.

Ministro – Ah, sim, é verdade, desculpe-me... *(Ao presidente.)* Voltemos ao contrato, meu caro. Como já lhe disse, gostava muito de fazer negócios consigo. Mais um pequeno esforço! O que são, para si, vinte quilómetros de autoestrada a mais ou a menos?

Presidente – Seiscentos milhões de euros...

Ministro – O Estado ficar-lhe-á muito grato, acredite. E eu também estou disposto a fazer um gesto...

Presidente – A sério?

O ministro aponta para a condecoração que traz na lapela.

Ministro – Gostaria de ter uma igual?

O presidente parece tentado durante um momento.

Presidente – Seria uma honra, claro, mas...

Ministro – Estou certo de que daria muito prazer à sua mulher... e à sua sobrinha.

Presidente – Pois... *(Caindo em si.)* Mas uma condecoração de seiscentos milhões de euros... Receio que os nossos acionistas não valorizem tanto a minha honra...

Hospedeira – Ora, não se desvalorize, tio!

Ministro – Com aqueles vinte quilómetros extra de autoestrada, estaria a prestar um grande serviço aos idosos!

Hospedeira – Sobretudo aos que moram em Alenquer...

Presidente – Infelizmente, quem me pede contas são os fundos de pensões americanos...

Ministro – Pense no assunto... Mas depressa. O seu concorrente está disposto a tudo para ganhar este concurso, acredite... Entretanto, não me importava nada de provar uma guloseima...

Presidente – Ia precisamente sugerir a sobremesa...

O telemóvel do ministro volta a tocar. Ele atende.

Ministro – Estou? Ah, sim... Com muito gosto... Claro que não, de modo nenhum, pelo contrário... Estaremos em família... Muito bem, então ligo-lhe quando sair daqui...

O ministro guarda o telemóvel.

Presidente – Espero que não tenha havido más notícias da sua mãe...

Ministro – Não, não, descanse... Embora não saiba se isto o vai tranquilizar... Era outra vez o seu concorrente... Leonardo. O presidente do grupo Buracos e Derrapagens...

Presidente – Ah...

Ministro – Convidou-me para ir a casa dele beber um digestivo, para me apresentar uma contraproposta... É curioso, quis saber se me importava que estivesse lá a afilhada... Ultimamente, toda a gente quer apresentar-me a família...

Hospedeira – São as férias escolares...

O presidente, preocupado, faz sinal à rapariga para acelerar as coisas.

Ministro – Então? Que doces nos propõe?

Presidente – Uma seleção de bolinhos, creio eu. Vai gostar... Mirabela?

Hospedeira – Temos pastéis de Belém... mas Belém fica fora do trajeto entre Santarém e Cascais, sobretudo com o desvio por Alenquer... E uns financiers que parecem estar à beira da falência...

Presidente – As barrigas de freira, pelo contrário, têm um aspeto delicioso...

Ministro – Muito bem, muito bem... (*Empanturra-se de bolos.*) Os doces são a minha perdição...

Presidente – Mas sente-se, faça favor. Esteja à vontade...

Os três sentam-se à mesa. O presidente volta a fazer sinal à rapariga para apressar as coisas. Mas ela não parece saber o que fazer nem o que dizer.

Hospedeira – Então não se importaria de assinar, em nome do Estado, um contrato com uma empresa que recorre a trabalho ilegal? Para quem quer ser o próximo primeiro-ministro... Está a desiludir-me muito. E eu que pensava votar em si...

O presidente revira os olhos.

Ministro (*de boca cheia*) – Minha pobre menina, depressa aprenderá que, na política, às vezes é preciso ceder um pouco para chegar a bom porto... Aliás, não me importava de beber mais deste excelente champanhe...

O presidente faz sinal à rapariga para voltar a servi-lo. Ela obedece.

Presidente – Mando vir diretamente de França. Ainda tenho umas caixas na cave. Se quiser levar algumas garrafas...

Ministro – Seja como for, não vou decidir nada antes de me encontrar com o seu concorrente...

Hospedeira – E com a afilhada dele...

Presidente – Por acaso ela não se chama Anabela...?

Ministro – Conhece-a?

Presidente – Não, não, quer dizer... Faça favor, ainda há bolinhos...

Ministro – Com todo o gosto.

O ministro volta a empanturrar-se. Por baixo da mesa, o presidente começa a acariciar a perna do ministro com o pé. Este percebe o contacto e, convencido de que é a rapariga, mostra-se visivelmente excitado.

Hospedeira – Parece que está a gostar, não está?

Ministro – Não devia, mas... Um pequeno excesso de vez em quando...

Pisca-lhe o olho, surpreendendo-a.

Ministro – Deliciosa, absolutamente deliciosa... Esta barriguinha de freira...

Presidente – Mas já tem o copo vazio outra vez, senhor ministro... Mirabela?

Mirabela levanta-se para ir buscar a garrafa ao balde de champanhe. O presidente demora um instante a deixar de acariciar a perna do ministro com o pé. Já bastante alegre, o ministro interroga-se se teria sido mesmo a rapariga a fazer-lhe festas com o pé. Ela volta a sentar-se.

Hospedeira – Mais champanhe?

No momento em que ela o serve, o ministro roça-lhe a perna com o pé. Surpreendida, a rapariga entorna, mais ou menos de propósito, o champanhe nos joelhos dele, em vez de o servir na taça. O ministro levanta-se de um salto.

Hospedeira – Oh, desculpe... Sou tão desastrada...

Ministro – Pode dizer-me onde fica a casa de banho...?

Presidente – Que embaraço... Por aqui, faça favor... Ao fundo do corredor, à direita...

O ministro sai. O presidente está furioso. Vai buscar uma esfregona à divisão ao lado e entrega-a à rapariga para limpar o champanhe derramado no chão.

Presidente – Acha mesmo que lhe vai despertar a paixão derramando-lhe champanhe nas calças...?

A rapariga pega na esfregona e começa a limpar o chão.

Hospedeira – Desculpe, foi um reflexo. Ele começou a roçar-me a perna com o pé por baixo da mesa...

Presidente – Mas isso é ótimo! Quer dizer que mordeu o isco! Não me diga que umas festinhas com os pés por baixo da mesa já são de mais para si. Agora é que tem de o fisgar!

Hospedeira (*com a esfregona na mão*) – Fisgá-lo?

Presidente – Ouça, tenho um plano para recuperar o tempo perdido e acelerar as coisas...

Hospedeira – Está a assustar-me...

Presidente – Daqui a pouco, finjo receber uma chamada e invento uma emergência para vos deixar a sós...

Hospedeira – Vai deixar-me sozinha com aquele bode velho no cio!

Presidente – É um ministro da República, afinal de contas...

Hospedeira – Isso devia tranquilizar-me?

Acena-lhe com o contrato à frente do nariz.

Presidente – Faz com que ele assine este contrato, prometendo-lhe uma noite inesquecível. E mesmo antes de irem para a cama, arranja uma desculpa e vai-se embora...

Hospedeira – Que tipo de desculpa?

Presidente – Sei lá... Recebe uma mensagem a dizer que a sua mãe teve um acidente, por exemplo.

Hospedeira – Está a falar a sério?

Presidente – O que é que foi? Há algum problema?

Hospedeira – A minha mãe já morreu!

Presidente – Lamento muito, não sabia...

Hospedeira – Foi o senhor que lho disse há bocadinho!

Presidente – Ah, é verdade... Então diz-lhe que eu tive um acidente e que tem de ir ter comigo urgentemente ao hospital!

Hospedeira – O seu plano não vale nada.

Presidente – Tem outro?

Hospedeira – Tem empregada doméstica?

Presidente – Dei-lhe a noite de folga para estarmos sossegados... Mas ela já tem mais de cinquenta anos, três papadas e o princípio de um bigode. Não sei se o ministro...

Hospedeira – Portanto, tem um quarto para a empregada?

Presidente – Sim, mesmo por cima de nós.

Hospedeira – Finja que sai por causa de uma emergência, como combinámos. Mas, em vez de sair, esconde-se lá em cima, no quarto da empregada.

Presidente – E depois?

Hospedeira – Quando tiver posto o seu ministro numa situação comprometedora, telefone-lhe. Volta de surpresa e apanha-nos aos dois em flagrante.

Presidente – E depois?

Hospedeira – Ele! Com a sua sobrinha! Faz-se de ofendido, ameaça apresentar queixa e contar tudo à imprensa. Para obter o seu perdão, estará disposto a assinar qualquer coisa...

Presidente – A senhora é um génio!

O ministro regressa. A rapariga encosta a esfregona a um canto.

Hospedeira – Mais uma vez, peço-lhe desculpa. Não sei o que me deu.

Ministro – Já está resolvido...

Presidente – Um digestivo?

Hospedeira – Uma ginjinha?

Presidente – Um licor de mirabela?

Hospedeira – Desta vez prometo que não lhe entorno nada nos joelhos.

O ministro mostra-se animado com a ideia. O presidente finge atender o telemóvel.

Presidente – Estou? Não! Que horror... Meu Deus! Sim, sim, claro, vou já... (*Guarda o telemóvel.*) Senhor ministro, lamento imenso, mas tenho de o deixar por um bocadinho. A minha mulher teve um acidente...

Ministro – Que desgraça! É grave?

Presidente – Bem... Não... Os médicos ainda não se pronunciaram. Não sabem se tem o pulso partido ou só torcido...

Ministro – Nesse caso, adiamos o encontro, evidentemente.

Presidente – Não, insisto. Tenho responsabilidades perante os acionistas... Este contrato é vital para a sobrevivência da empresa... Volto dentro de uma ou duas horas.

Ministro – De Coimbra?

Presidente – Ah... Não, ela já vinha a caminho de casa. Felizmente, o acidente foi mesmo à entrada de Lisboa... Junto à Segunda Circular... A minha sobrinha fará as honras da casa enquanto o senhor espera... Não é, Mirabela?

Hospedeira – Claro...

Ministro – Bem, sendo assim... Está bem...

Hospedeira – Dê um beijinho à tia por mim, tio... Vou rezar pela recuperação dela... *(Acompanha o presidente até à porta e fala-lhe à parte.)* Fique aqui perto e volte assim que eu lhe telefonar. Senão, vou-me embora imediatamente.

Presidente – Prometo. Aqui tem o meu número... *(Ao ministro.)* Deixo a minha sobrinha ao seu cuidado, senhor ministro...

O presidente sai.

A rapariga, um pouco apreensiva, volta-se para o ministro.

Ministro – Finalmente sós...

Hospedeira – Pois é...

O ministro instala-se no sofá.

Ministro – Venha sentar-se aqui e fale-me um pouco de mim... Quero dizer, de si... Ou de nós, porque não?

A rapariga senta-se ao lado dele, contrariada.

Ministro – Espero não a assustar...

Hospedeira – De maneira nenhuma, garanto-lhe... *(Fazendo um esforço.)* Até lhe digo que... estava ansiosa por este momento.

Ministro – A sério...?

O ministro põe uma mão no ombro da rapariga.

Hospedeira – Sempre me fascinaram os homens com poder...

Ministro – Os homens com poder são, antes de mais, homens, sabe...

Hospedeira – Mesmo assim... Pensar que um dia, se chegar a primeiro-ministro, terá uma palavra decisiva nas questões de defesa e até no destino dos nossos submarinos...

O ministro torna-se mais atrevido.

Ministro – Então é disso que gosta? De armamento pesado...?

A rapariga deixa-o aproximar-se um pouco, depois afasta-se bruscamente, pega no contrato que está sobre a mesinha e coloca-lho debaixo do nariz.

Hospedeira – E se lhe pedisse que assinasse primeiro este contrato?

Ministro *(com a cabeça noutra coisa)* – O contrato...?

Hospedeira – Assim aviso o tio e digo-lhe que pode ficar toda a noite junto da tia, se quiser...

Ministro – Por causa de um pulso torcido?

Hospedeira – À hora que é, vão de certeza deixá-la em observação até amanhã de manhã... Garanto-lhe que, se telefonar ao meu tio a dizer que o contrato está assinado, não o voltamos a ver tão cedo. Teremos a noite quase toda para nós...

Ministro – Muito bem... Se isso lhe dá prazer, assino o contrato... Mas não precisa de ser já...

O ministro levanta-se e volta a aproximar-se dela.

Hospedeira – Não demora nada... Compreenda-me! Saber que o tio pode aparecer aqui a qualquer momento... Inibe-me!

Ministro – É que tenho de reler o contrato com atenção... Não posso assinar uma coisa qualquer. Três mil milhões de euros... É um assunto sério...

Hospedeira – Por favor, faça-me a vontade...

Ministro – Também tem de me compreender, Mirabela! Ler cem páginas de cláusulas aborrecidas, rubricá-las uma a uma... Como preliminares... Eu imaginava outro género de striptease...

Hospedeira – Parece-me que estou a ouvir passos na escada...

Ministro – Eu não ouço nada, garanto-lhe...

O ministro torna-se novamente insistente. A rapariga esquiva-se.

Hospedeira – Não, assim fico demasiado nervosa...

Ministro – Ora, não seja criança...

Hospedeira – Desculpe, mas não consigo. Sem assinatura, não há...

O ministro parece resignar-se.

Ministro – Pronto, se é para a tranquilizar... Que se lixe! Assino sem reler. Confio no seu tio... Mas depois prometo-lhe fogo de artilharia!

Ela estende-lhe o documento.

Hospedeira – Aqui está...

O ministro prepara-se para assinar. O telemóvel toca e ele interrompe o gesto.

Ministro – Não me deixam em paz cinco minutos... Desculpe-me... Tenho de atender, senão o meu chefe de gabinete ainda manda para cá o GOE... E olhe que seriam piores do que o seu tio...

Hospedeira – Mas faça favor...

O ministro atende e a rapariga consegue respirar um pouco.

Ministro – Sim... Não? Quando foi isso? Não, não, estou a ouvir...

Depois de lhe fazer um gesto de desculpa, o ministro afasta-se para a sala ao lado. A rapariga apressa-se a pegar no telemóvel.

Hospedeira – Está aí? Está bem, era só para confirmar. Não, ainda não. Ligo-lhe quando chegar a altura. Mas mantenha o telemóvel à mão, está bem? (*O ministro regressa e ela guarda rapidamente o telemóvel.*) Algum problema?

Ministro – Nada de importante... Pelo menos, nada que nos impeça de continuar aquilo que estávamos prestes a começar.

O ministro volta a mostrar-se atrevido.

Hospedeira – Ainda não assinou o contrato...

Ministro (*distráido*) – O contrato...? Ah, sim, o contrato... Mas não se preocupe. Aliás, isso já nem faz muito sentido...

Hospedeira – Já não faz sentido?

Ministro – Acabo de falar com o meu chefe de gabinete... O que lhe vou contar é segredo de Estado, Mirabela... Posso contar com a sua discrição?

Hospedeira – Como pode duvidar?

Ministro – O ministro da Educação acabou de ser apanhado pela polícia numa situação comprometedor com uma prostituta menor de idade, num parque de Monsanto. Ao que parece, vai ser obrigado a demitir-se...

Hospedeira – Que injustiça... Se já nem podemos confiar o futuro das crianças a pervertidos sexuais, onde é que isto vai parar? Mas o que é que isso tem a ver com o nosso contrato? Não me diga que a autoestrada Santarém–Cascais vai passar por Monsanto?

Ministro – É o efeito borboleta, minha menina! Uma faísca que faz explodir o paiol...

Hospedeira – E então...?

Ministro – Uma demissão provoca uma remodelação governamental. Começa a dança das cadeiras e a distribuição das pastas... E, infelizmente, desta vez parece que não haverá cadeira para mim.

Hospedeira – Ah, merda... Quero dizer, bolas...

Ministro – Aliás, até acho preferível afastar-me um pouco do Governo antes das próximas eleições... Assim terei mais tempo para mim... e para si!

Hospedeira – Ah, mas isto é realmente muito desagradável...

Ministro – Adoro esse vocabulário tão antiquado, Mirabela... Estudou mesmo num colégio interno de meninas? Conte-me...

Hospedeira – Mas e o contrato...?

Ministro – Evidentemente, já não o posso assinar. O meu sucessor tratará disso. Mas duvido que se interesse tanto como eu pela ligação Santarém–Cascais... Talvez quando for primeiro-ministro...

Hospedeira – Se alguma vez for...

Ministro – Seja como for, agora podemos finalmente passar o resto da noite sossegados...

A rapariga já não sabe o que fazer para resistir às investidas do ministro.

Hospedeira – Está bem... Então proponho-lhe o seguinte... Tome um duche, ponha-se à vontade... Eu faço o mesmo, depois de telefonar ao meu tio para dizer que já não vale a pena preocupar-se com o contrato... Combinado?

Ministro – Combinado... Pode indicar-me a casa de banho?

Hospedeira – Ah...

Ministro – Ah, pois, já lá estive quando me entornou aquele champanhe nas calças...

Hospedeira – Então sabe tão bem como eu onde fica...

Ministro – Vou a correr... Até já...

O ministro sai. A rapariga precipita-se para o telemóvel.

Hospedeira – Oh, não pode ser! Fiquei sem bateria... *(Remexe na mala.)* E, claro, não trouxe o carregador... *(Pensa um instante.)* Nem tenho tempo de procurar o quarto da empregada. Ainda me perco nesta casa enorme... Mas ele disse que era mesmo por cima...

A rapariga agarra na esfregona. Sobe para a mesa e bate no teto uma série de pancadas rápidas, seguidas de três pancadas breves, como no teatro. O som pode ser produzido por gravação.

Ministro (fora de cena) – Sim, sim, já vou... Não esteja tão impaciente...

Hospedeira – Que merda...

O ministro regressa vestido apenas com um roupão ridículo. Vê a rapariga em cima da mesa e aproveita para espreitar-lhe por baixo da saia.

Ministro – Adoro mulheres que sabem fazer bricolage... Precisa de ajuda?

Hospedeira – Era só uma lâmpada que tinha de trocar... Já está... Eu... tentei telefonar ao meu tio, mas fiquei sem bateria.

Ministro – As minhas estão carregadas ao máximo, acredite!

Hospedeira – Ótimo... Pode emprestar-me o seu telemóvel por um minuto para lhe ligar?

Para se aproximar dela, o ministro começa a subir para a mesa.

Ministro – Esqueça o seu tio... Ele não volta tão cedo. Acabou de sair...

Hospedeira – É que... não lhe contei tudo, João Francisco...

O ministro acalma-se um pouco.

Ministro – Ah, não...?

Hospedeira – Na verdade, não sou sobrinha de Martim Puig...

O ministro acusa o golpe, mas não parece especialmente surpreendido.

Ministro – Para dizer a verdade, já desconfiava...

Hospedeira – Ah, sim...?

Ministro – Sou menos ingénuo do que pareço, sabe?

Hospedeira – Claro...

Ministro – É a amante dele, evidentemente.

Hospedeira – A amante... Sim...

Ministro – Não se preocupe, não sou ciumento!

Prepara-se para voltar a lançar-se sobre ela, mas a rapariga detém-no.

Hospedeira – Sim, mas ele é...

Ministro – Nunca saberá de nada.

Hospedeira – Mas eu saberei!

Ministro – E depois?

Hospedeira – Quero acabar com ele antes de... começar uma relação consigo. Compreende?

Ministro – Sim... Quer dizer, não!

Hospedeira – Deixe-me telefonar-lhe, peço-lhe! Assim ficarei com a consciência tranquila e poderei entregar-me a si sem reservas.

Ministro – Sem reservas...

Hospedeira – Empréstima-me o seu telemóvel?

Ministro – Está bem...

Ele estende-lhe o telemóvel. Ela pega no aparelho, ainda em cima da mesa. Mas o ministro não faz menção de se afastar.

Hospedeira – Vou mandar-lhe uma mensagem. Não tenho coragem de lhe dizer isto ao telefone. Ainda por cima com a mulher no hospital...

Ministro – Claro...

Ela finge ler em voz alta a mensagem que escreve.

Hospedeira – Vou deixá-lo... *(Mais baixo.)* Venha depressa... Pronto, já está...

Desce lentamente da mesa. O ministro precipita-se sobre ela. A rapariga volta a subir de imediato e mantém-no à distância com a esfregona.

Hospedeira – Não, vou esperar pela resposta dele, para ter a certeza de que recebeu a mensagem... Antes de me entregar a si...

Ministro – Mas eu já não aguento mais...

O ministro agarra as pernas da rapariga, que continua em cima da mesa. O presidente entra de rompante, finge ficar surpreendido e mostra-se escandalizado.

Presidente – Senhor ministro! O senhor! De roupão! Com a minha sobrinha! Na minha própria casa! Eu que confiava tanto em si!

O ministro, igualmente surpreendido, interrompe a investida, mas recupera rapidamente a calma.

Ministro – Ora, acabe com essa comédia... Já sei de tudo... A Mirabela contou-me tudo!

Presidente – Tudo?

Ministro – Tudo. Embora não tenha a certeza de que esta pobre menina tenha compreendido bem a sua manobra abjeta.

Presidente – Esta pobre menina?

Ministro – Suponho que também não estava no hospital com a sua mulher...

Presidente – Ah... Não... Estava ali em cima, com a empregada...

Ministro – Desilude-me muito, meu caro... Se vai para a cama com a empregada, isso é consigo... Mas utilizar uma jovem inocente para os seus fins obscuros...

Presidente – Então não assinou o meu contrato...

Ministro – Foi tudo uma armadilha, não foi? Arranjou maneira de eu ficar a sós com a sua amante, convencido de que ela não resistiria aos meus encantos.

Presidente – A minha amante?

Ministro – E, para me fazer perdoar, eu assinaria o seu contrato.

Presidente (*recuperando a esperança*) – E é isso que vai fazer, não é? Porque o senhor é um cavalheiro...

Ministro – Foi realmente muito mesquinho... Mas talvez o tivesse feito, é verdade... Porque, como diz, sou um cavalheiro. Infelizmente, já não estou em posição de o fazer...

Presidente – Em posição...?

Ministro – Vou deixar de ser ministro das Infraestruturas. Falarei com o meu sucessor, mas não posso garantir nada.

Presidente – Já não vai ser ministro?

Ministro – Decididamente, não é a sua noite, meu caro... Não só o seu contrato fica por assinar, como a sua amante decidiu deixá-lo e partir comigo. Vamos embora, Mirabela...

O empresário perde a cabeça.

Presidente – Mirabela? Seu velho tarado! Esta rapariga realmente não é minha sobrinha. Mas também não é minha amante. É uma prostituta!

Ministro – Uma prostituta?

Hospedeira – Uma prostituta?

Presidente – Acha mesmo que o seu charme natural chega para seduzir uma rapariga trinta anos mais nova?

Ministro – E porque não?

Presidente – E acha que, se ela fosse minha amante, me trocava por si?

Ministro – Diga alguma coisa, menina...

Hospedeira – Seja como for, eu não sou prostituta!

Presidente – É verdade, desculpe...

Ministro – Então, afinal, do que é que está a falar?

Presidente – Digamos que é... uma acompanhante de luxo. Sabe como é, hoje em dia os desempregados são candidatos a emprego, as secretárias são assistentes e as prostitutas são acompanhantes de luxo!

Hospedeira – Mas eu não sou acompanhante de luxo!

Presidente – Uma hospedeira de charme, se preferir...

Hospedeira – Já lhe disse que vim parar aqui por engano...

Ministro – Eu também, pelos vistos... E tudo isto está a ficar muito complicado. Mas quem é a senhora, afinal?

Hospedeira – O teu pior pesadelo!

Ministro – Devo concluir que não vai comigo?

Hospedeira – Só em sonhos... E com o que sei a teu respeito, ó velho tarado, tenho material para destruir a tua carreira política.

Ministro – Mas, Mirabela...

Hospedeira – E deixem de me chamar Mirabela! Chamo-me Emmanuelle.

Ministro – Que curioso, não tem cara nenhuma de Emmanuelle...

Presidente – Foi precisamente o que eu lhe disse...

Hospedeira – Cale-se!

Ministro – Essa foi bem dada...

Hospedeira – E o senhor também se cale! Não passa de um obcecado e de um imbecil! Estava disposto a assinar qualquer contrato para ir para a cama com uma mulher que podia ser sua filha, e preparava-se para ser o próximo primeiro-ministro?

Ministro – Pelo uso do pretérito, devo concluir que tenciona impedir esse nobre projeto?

Hospedeira – Aprendi muito esta noite sobre política. Mais do que provavelmente aprenderei durante o curso inteiro. Por isso, tenho muita coisa para contar. E acho que faria um grande serviço a Portugal se o fizesse regressar depressa a Santarém... e ficar por lá.

Presidente – Vá lá, acalme-se, por favor... Acho que nos excedemos um bocadinho, todos nós... Havemos de encontrar uma solução. Não é, senhor ministro?

Hospedeira – Eu não sou prostituta, mas o senhor é um verdadeiro chulo e o outro um velho porco! E aqui está o que faço ao vosso contrato! (*Rasga o contrato.*) E nem sonhem que vou devolver o dinheiro que me pagaram. Bem o mereci!

Ministro – Então é verdade que lhe pagou?

Presidente – É um pouco complicado...

Ministro – Não me diga que, no fim de contas, ela é mesmo sua sobrinha? (*O telemóvel toca e ele atende.*) Sim...? Não? Bem. Está bem... Não, não, ligo-lhe daqui a pouco... Sim, sim, está tudo bem...

Guarda o telemóvel.

Hospedeira – Acha que está tudo bem?

Ministro – Afinal, vou manter a pasta. O procurador é amigo do primeiro-ministro. Vão abafar o escândalo...

Presidente – Então já pode voltar a assinar o contrato...

Ministro – Posso...

Hospedeira – Tarde de mais! Acabei de o rasgar...

Ministro – Suponho que tenha outros exemplares...

Presidente – Claro.

Ministro – Pois vai surpreender-se, mas vou assiná-lo antes de ir embora e de vos deixar aqui em família...

Hospedeira – Porquê?

Ministro – Porque é um bom contrato, muito simplesmente. E porque, na verdade, vim cá com a intenção de o assinar.

Hospedeira – E o concorrente?

Ministro – Não há concorrente. Pelo menos, nenhum que seja competitivo. Eu também estive a fazer bluff.

Presidente – Os meus parabéns, senhor ministro. Uma negociação é como uma partida de póquer: todos fazemos bluff. Mas chegou a hora de fechar o negócio. Acredite, é um acordo em que todos ganham.

Hospedeira – E eu, o que é que ganho?

O presidente vai buscar outro exemplar do contrato e o ministro assina-o. Entretanto, o presidente tira uma caixa de charutos, põe um na boca e oferece outro ao ministro.

Presidente – Um charuto?

Ministro – Não consegue evitar nem um único cliché?

O presidente tira o charuto da boca, coloca-o na caixa e guarda-a.

Presidente – Suponho que também não tenha uma mãe idosa em Alenquer...

Ministro – Mãe, não... Mas tenho uma jovem senhora por quem tenho muito carinho...

Presidente – Já percebi... Uma ligação que gostava que fosse por autoestrada... Falamos disso depois das eleições...

Ministro (*olhando, preocupado, para a rapariga*) – Se eu ganhar...

Presidente – Ora, tem uma via aberta até ao poder!

O ministro prepara-se para sair.

Presidente – E quanto à minha condecoração...? (*O ministro lança-lhe um olhar fulminante.*) Tem razão. Já não sei se a mereço... Talvez deva esperar até a merecer de verdade...

Ministro – Como disse esta menina, não se desvalorize, meu caro... Se soubesse quantos ditadores, traficantes e vigaristas já foram condecorados com honras de Estado...

Presidente – Pois é... Também em matéria de honra Portugal perdeu há muito a classificação de triplo A.

Ministro – Quer que a leve a algum lado...?

Hospedeira – Obrigada, já tive a sua companhia por hoje...

Ministro – Tem a certeza de que quer arruinar a minha carreira política? Pelo menos a mim já me conhece. Quem lhe garante que os outros não são ainda piores?

Hospedeira – Tento imaginar... Mas custa-me um bocadinho...

Ministro – Seja indulgente... Peço-lhe desculpa, pronto.

Hospedeira – E o que me propõe para ficar calada?

Ministro – O que é que lhe daria prazer?

A rapariga pensa um instante e sussurra-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Ministro – Muito bem, prometo...

Presidente – Chamo-lhe um táxi?

Ministro – Prefiro ir a pé.

Vai-se embora. O empresário fica a sós com a rapariga.

Hospedeira – Também me vou embora...

Presidente – Peço-lhe desculpa, eu também. São tempos difíceis, sabe. A crise...

Hospedeira – Até para os presidentes das grandes empresas...

Presidente – Insisto em pagar-lhe o resto. Afinal, o contrato está assinado. É o que importa. Cumpriu a sua missão...

Hospedeira – Ele já tencionava assiná-lo de qualquer maneira...

Presidente – É verdade, mas... Eu também lhe devo uma pequena compensação...

Hospedeira – Fique com a segunda metade do dinheiro... O que o ministro acabou de me prometer já é pagamento suficiente...

Tocam à campainha.

Presidente – O que é que aquele idiota ainda quer...?

Vai ao intercomunicador.

Presidente – Estou...? Sim, sim... Sim, sim... Não, não, abro-te já a porta...

Regressa.

Presidente – Meu Deus, é a minha mulher!

Hospedeira – Mas ela não estava em Coimbra?

Presidente – Pelos vistos, depois do mal-entendido ao telefone, decidiu regressar mais cedo... Que noite! E ainda nem lhe falei da empregada...

Hospedeira – Da empregada...?

Presidente – Também voltou mais cedo... Quando me encontrou no quarto dela, pensou que eu estava à espera dela e quase me violou...

Hospedeira – Bem, ao menos há alguma justiça: agora já sabe o que tive de passar esta noite por sua causa...

Presidente – O que é que vou dizer à minha mulher para explicar o que faço aqui com uma prostituta...?

Hospedeira – Mas eu não sou prostituta!

Presidente – E acha que será mais fácil explicar que estou aqui com uma estudante? É muito ciumenta, já lhe disse. Tem de me safar desta. Diga que é... Sei lá... Minha sobrinha!

Hospedeira – É esse o seu plano?

Presidente – Paciência, improvisamos. Parece que tem muito jeito... Bem, vou abrir-lhe a porta...

A rapariga precipita-se para o telemóvel.

Hospedeira – Isabel? Não, ainda estou em casa do teu cliente, depois conto-te... E tu, onde estás? Em casa do presidente do grupo Buracos e Derrapagens? Ah, então foi tudo combinado, foi isso... Pensaram que, se me mandassem para a Cara de Pau em teu lugar, eu nunca conseguiria seduzir o ministro, e que tu o apanharias em casa do concorrente, à hora do digestivo... Pois podes esperar sentada, acredita... Acabou de assinar o contrato. Sim, fizeram mal em duvidar do meu poder de sedução... E sabes uma coisa? Ainda por cima, vai propor o meu nome para uma condecoração da Ordem do Mérito! Bem, desculpa, mas a noite ainda não acabou. Acho que a República ainda precisa de mim...

Presidente – Ouve, querida, não te zangues! Ela vai explicar-te tudo. Vais ver, é muito simples...

Escuro, ao som de «A Portuguesa».

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O género perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque - ISBN 978-2-37705-983-6

Documento para download gratuito